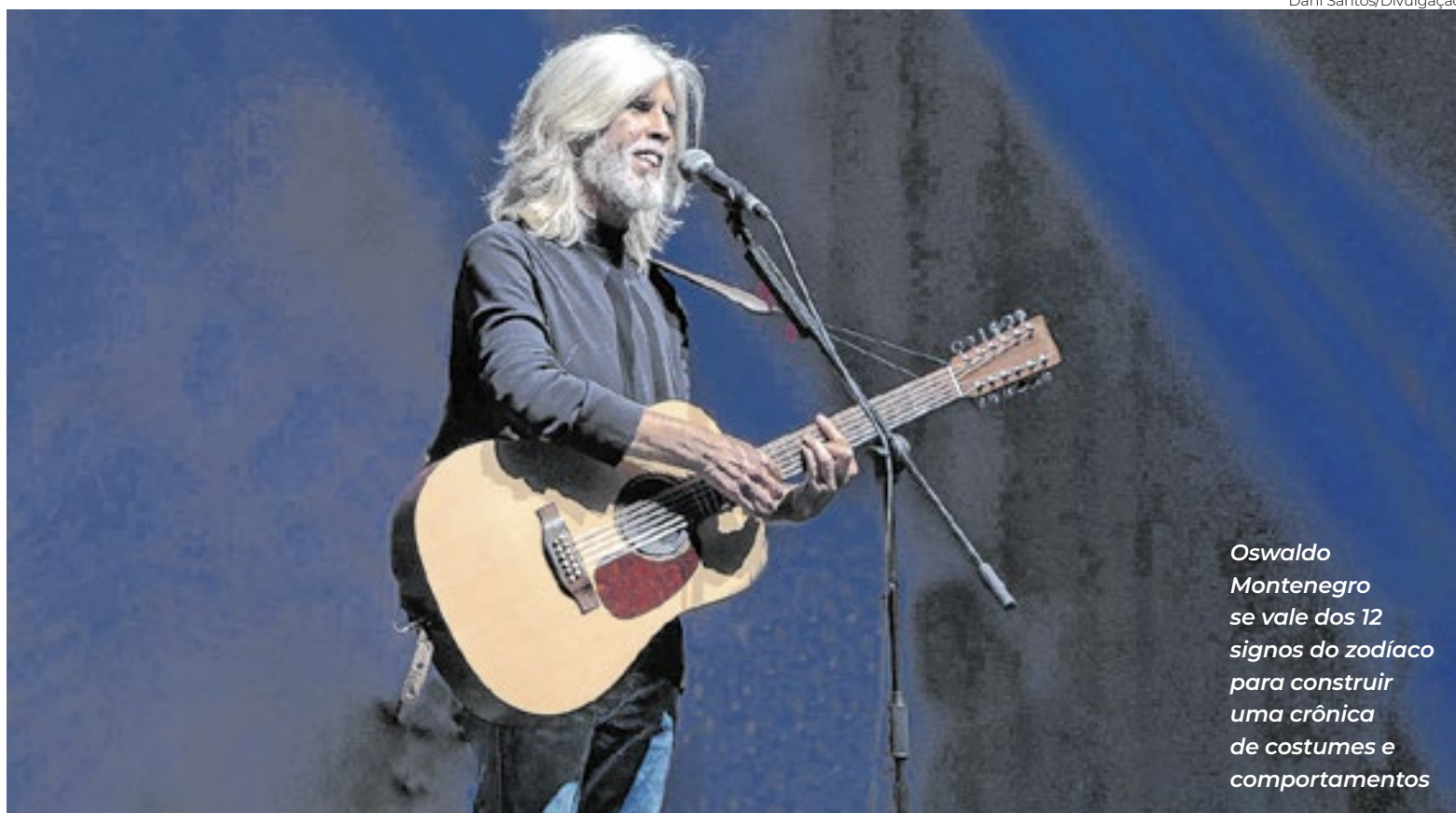




Oswaldo Montenegro se vale dos 12 signos do zodíaco para construir uma crônica de costumes e comportamentos

Gravado em 1983, 'A Dança dos Signos' volta aos palcos em versão multimídia, com painel de LED e projeções para celebrar os 70 anos de seu criador Oswaldo Montenegro

É tempo de entender as diferenças

AFFONSO NUNES

Há quem explique as diferenças entre as pessoas sob a lógica do zodíaco. E se pessoas de personalidades tão distintas precisam repartir o mes-

mo mundo por que não exercitar nossa empatia e tolerância? E foi a partir dessa ideia que o cantor e compositor Oswaldo Montenegro forjou, em 1983, aquele que viria a ser o seu maior sucesso, o musical "A Dança dos Signos". Mais de quarenta anos depois, ela chega repaginada ao palco do Qualistage nesta

sexta-feira (23), por ocasião do aniversário de 70 anos do Menestrel.

Toda festa de aniversário começa por uma lista de convidados. No caso de Oswaldo, a apresentação abre com "A Lista", canção em que ele nomeia presenças e ausências antes de abrir passagem ao zodíaco. O número funciona como prólogo

desta "A Dança dos Signos" em versão multimídia com painel de LED e projeções.

Entre um signo e outro, o artista bate papo com o público, falando sobre figuras icônicas de cada signo, cantando ou fazendo citações instrumentais de alguns deles, como "Your Song", do ariano Elton John e trechos de músicas do libriano John Lennon e dos geminianos Paul McCartney, Bob Dylan e Chico Buarque. O enredo também passa por canções de sua carreira, como "Bandolins", "Lua e Flor", "Intuição" e "Incompatibilidade", incluindo aí o seu consagrado poema "Metade", tudo guiado por um fio condutor emocional extremamente bem costurado.

Fugindo dos estereótipo do horóscopo como previsão de acontecimentos, Oswaldo encarou os doze signos como personagens de uma pequena comédia humana, movidos por vaidade, desejo, medo e pelas artimanhas da convivência.

Na remontagem, a cenografia de época dá lugar a uma tela que responde ao palco com Oswaldo na viola de 12 cordas, Madalena Salles (flauta), Janaína Salles (cello) e o multi-instrumentista Alexandre Meu Rei. Bailarinos e atores convidados surgem projetados, em cenas, sombras e coreografias que acompanham a passagem de um signo a outro.

"Hoje, estamos em outra época, temos outros recursos técnicos", resume Madalena Salles, parceira de longa data do compositor.

SERVIÇO

OSWALDO MONTENEGRO - A DANÇA DOS SIGNOS

Qualistage (Avenida Ayrton Senna, 3.000, Barra da Tijuca) 24/10, às 21h30
Ingressos a partir de R\$ 70

O Ceará como bússola de uma carreira de sucessos

Fagner revê mais de cinco décadas de repertório neste sábado no Vivo Rio

Em "Mucuripe", a imagem do pescador que deixa o cais para buscar a sorte foi escrita quando Raimundo Fagner ainda dividia a juventude cearense com Belchior. É o cartão de embarque de uma obra repleta de grandes sucessos ao longo de 50 anos de carreira. Neste sábado (24), Fagner volta ao palco do Vivo Rio com o show comemorativo que vem correndo o país.

Raimundo Fagner Cândido Lopes nasceu em Fortaleza, mas foi registrado em Orós, onde cresceu. A dupla origem explica uma discografia que oscilou entre

o urbano e o sertanejo.

No palco, além da citada "Mucuripe", Fagner resgata o lirismo de Cecília Meireles em "Canteiros" e canta o amor sob vários ângulos como em "Borbulhas de Amor" - adaptação de uma bachata de Juan Luis Guerra, que conquistou corações brasileiros; "Espumas ao Vento", de Accioly Neto; e em "Deslizes", que o levou ao repertório romântico de rádio sem abandonar sua marca vocal.

Há quem ouça rouquidão nos timbres vocais do artista, mas sua interpretação trabalha mais perto



Leonardo Rodrigues/Divulgação

Fagner apresenta neste sábado no Vivo Rio os maiores sucessos de uma carreira recheada de grandes canções

da fricção que da lisura: uma voz que estica as vogais, interrompe a frase e transborda emoção antes do acabamento.

Com décadas de palco, Fagner sabe exatamente a receita do bom repertório. "É o público quem determina", costuma repetir.

E assim o cearense vem lotando teatros e ginásios desde os anos 1970. O show desta fim de semana se apoia nesse pacto: não apresenta álbum novo, mas reorganiza uma memória sonora marcante.

Fagner correu mundo. Gravou com Nara Leão, Zé Ramalho, Luiz Gonzaga, Chico Buarque, Zeca Baleiro e Mercedes Sosa, mas o Ceará é sua bússola. (A.N.)

SERVIÇO

FAGNER

Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) 24/10, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 160 e R\$ 80 (meia)